

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

11 de setembro de 2024

CINE-ÓPERA – em colaboração com o Operafest Lisboa & Oeiras 2024

CAVALLERIA RUSTICANA / 1982

Um filme de Franco Zeffirelli

Libretto: Giovanni Targioni-Tozzetti, Guido Menasci, Giovanni Verga / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Armando Nannuzzi / *Cenários:* Gianni Quaranta / *Figurinos:* Anna Anni / *Música:* Pietro Mascagni, pela orquestra e o coro do Teatro Alla Scala de Milão, sob a regência de Georges Prêtre; chefe do coro: Romano Gandolfi / *Montagem:* Peter Taylor, Franca Silvi / *Som:* Gernot Westhäuser / *Gravação:* Rudolf Werner / *Interpretação:* Elena Obraztsova (Santuzza), Plácido Domingo (*Turiddu*), Renato Bruson (Alfio), Axelle Gall (*Lola*), Fedora Barbieri (*Mamma Lucia*).

Produção: Unitel (Munique), Aries Films / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), cor, versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 70 minutos / *Estreia mundial:* 1982, na Alemanha / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Na impossibilidade de apresentarmos a habitual folha de sala, recuperamos alguns excertos da folha de Antonio Rodrigues sobre o filme PAGLIACCI, exibido ontem neste Ciclo, que servem igualmente de contextualização aos aspetos mais gerais da produção deste CAVALLERIA RUSTICANA. Pelo facto, as nossas desculpas.

Pagliacci (1892) foi a primeira ópera de Ruggero Leoncavallo e a única das onze que escreveu a ter entrado para o repertório. Em compensação, nunca mais saiu do dito repertório, apesar ou talvez devido ao facto de só ter um ato. Foi-lhe rapidamente encontrada uma ópera gémea (um ato, estilo verista, facadas no desenlace), a **Cavalleria Rusticana** de Mascagni, de 1890, considerada como a ópera que lançou o estilo verista, que tem várias diferenças com a ópera romântica, de que Verdi é o expoente máximo na Itália. As duas óperas são tradicionalmente representadas juntas, de modo a fazer uma *soirée* completa (não terá sido por acaso que no mesmo ano do filme que vamos ver Zeffirelli filmou uma **Cavalleria Rusticana**), numa dupla que é designada no mundo anglo-saxão como *Cav and Pag* (ao realizar o filme que vamos ver, Zeffirelli já realizara duas montagens diferentes de **Cav and Pag**, uma em 1959 em Covent Garden, outra em 1970 no Scala). Embora a chamada escola verista não seja considerada o ponto mais alto da produção lírica italiana e muitos considerem **Pagliacci** uma ópera um tanto vulgar, outros assinalam que o libreto é bastante elaborado, com o seu jogo entre a realidade e o palco, entre a vida e a encenação, como é explicitado no prólogo, em que é dito que “os atores também têm sentimentos”. Há, de facto, um jogo especular na narrativa, que a brutalidade dos personagens e dos acontecimentos pode fazer esquecer, mas que está no cerne desta ópera, com a sua mistura de sofisticação e crueza.

Embora a ópera tenha surgido no cinema praticamente ao mesmo tempo que o som (**A Noiva Vendida**, de Max Ophüls é de 1932), foi nos anos 50 que este subgénero se desenvolveu e se cristalizou. Naqueles tempos, a ideia era filmar óperas da maneira menos “teatral” possível, com tantos cenários ao ar livre quanto coubessem no enredo

e, geralmente, com atores dobrados em vez de verdadeiros cantores. Este sistema foi muito praticado na União Soviética e talvez tenha sido o modelo indireto para o que se faria neste domínio no “Ocidente”. Em Itália, terra de ópera e cinema, seguiram-se estes mesmos princípios, inclusive com a presença de futuras grandes vedetas de cinema ainda em início de carreira: Gina Lollobrigida foi protagonista feminina de uma versão precisamente de **Pagliacci** (Mario Costa, 1948) e Sophia Loren, besuntada com maquilhagem cor de cacau, foi a protagonista de **Aida** (1953), de Clementi Fracassi, dobrada por nada menos que Renata Tebaldi, a enfadonha rival de Maria Callas. Note-se que eram filmes destinados a serem distribuídos nas salas de cinema e não na televisão, como veio a ser o caso mais tarde. O súbito aumento de interesse pela ópera em fins dos anos 70 (a que talvez não seja inteiramente estranha a súbita morte de Maria Callas) deu novo alento a este subgénero, de que o exemplo mais célebre foi o **Don Giovanni**, de Joseph Losey, baseado exatamente nos mesmos princípios que os filmes de ópera soviéticos dos anos 50: cenários ao ar livre e música em *playback*, embora com os verdadeiros cantores na tela (Jean-Marie Straub foi o único a insistir que num filme cantado a música tinha de ser gravada em direto, o que fez nas suas adaptações de Schoenberg). Entretanto, tinha sido fundada nos anos 60 a produtora Unitel, em Munique, especializada em produções de óperas filmadas, sempre com grandes vedetas. O filme que vamos ver foi produzido precisamente pela Unitel e obedece aos seus métodos de trabalho e à sua estética.

Antonio Rodrigues